



# O Memorial Pe. Carlos: uma análise filosófica e histórica de sua documentação

*Jardel Costa Pereira<sup>1</sup>*

## **Introdução**

O objetivo desta escrita é apresentar os resultados do projeto de pesquisa desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação (NEP) da Unidade de Poços de Caldas/MG, e financiado pelo Programa Institucional de apoio à Pesquisa (PAPq) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A pesquisa foi realizada no Memorial Pe. Carlos, que faz parte da Escola Profissional Dom Bosco da cidade de Poços de Caldas. Ele foi criado no ano de 2003, a partir da necessidade de organização e preservação de uma cultura escolar construída a partir década de 40 do século XX, possuindo fontes que indicam como a escola profissional se prestou a resolver um problema social brasileiro da época: o menor abandonado. Por meio de uma pesquisa histórico documental, percebe-se a importância da preservação da memória escolar, pois dela depende a escrita da História da Educação.

## A relevância de um memorial escolar

Vários são os arquivos e fontes em que podemos encontrar informações sobre a História da Educação, como também é diversificado o patrimônio material e imaterial que revela dados importantes sobre uma determinada cultura escolar que se reflete em uma perspectiva dialética na sociedade na qual a instituição estará inserida.

Entre esses lugares específicos, há os memoriais escolares, que geralmente encontram-se dentro de uma instituição de ensino e possuem um acervo com certa especificidade. Neles, geralmente, encontra-se um universo diversificado de fontes que revelam a sua história e a de seu meio social sob vários ângulos: como a imprensa registrou um determinado acontecimento escolar; as cartas; as fotografias; os relatórios e os ofícios que vêm impregnados de um olhar e de concepções sociais, políticas, religiosas, econômicas e educacionais.

O historiador Antoine Prost, ao analisar essa realidade múltipla de fontes, expõe uma tríade apresentada a partir de uma citação do filósofo francês Jacques Rancière (1994, p. 200):

O inventário ou a coleção, que conservam religiosamente os vestígios do passado, sem identificar necessariamente seu sentido, adquirem uma legitimidade ainda mais consciente. Atualmente, as três 'figuras dominantes do nosso universo cultural' são as seguintes: o museu, a enciclopédia e o guia [...] (PROST, 2008, p. 270).

Há memoriais escolares que se organizaram como museu, como biblioteca e como responsáveis pela preservação de fontes tanto do tempo passado quanto do presente, indicando um resgate positivo da memória para as novas gerações. Perpassando o museu, a

biblioteca e o memorial encontra-se a identidade de um sujeito que um dia constituiu e construiu a sua memória, deixando rastros e indicando caminhos:

Na contemporaneidade, não somente os museus ocupam essa posição. Temos cada vez mais arquivos, bibliotecas, centros de memória, memoriais e outros espaços sociais de valorização da memória e de conservação do patrimônio artístico, cultural, científico, natural e mesmo industrial (NASCIMENTO, 2009, p. 15).

Nesse contexto é que se inserem os espaços que são eleitos pela sociedade como importantes, como os memoriais escolares, que têm se ocupado, ainda que pontualmente, da preservação da memória escolar.

Observando-se a relevância da formação e organização dos acervos escolares, uma questão primordial apresenta-se como reflexão: qual a relação dessa materialidade encontrada nos acervos organizados nos memoriais escolares com a História e, em especial, com a História da Educação? Poucos são os lugares onde se têm preservada e arquivada a história das instituições escolares, que especificamente guardam a memória de quem entrecruzou o seu caminho com a escola. Em grande parte, a cultura escolar brasileira priorizou espaços específicos, como os arquivos públicos e as bibliotecas, que se preocuparam em resgatar documentos, cartas, fotografias, relatórios, artigos de jornais e entre outros que, num certo período, registraram um acontecimento educacional. Ocupar-se dessa materialidade com um foco educacional e encontrá-la localizada dentro de uma escola inserem-se no alargamento das fontes, dos locais e de temáticas propostas pelos pesquisadores da Escola dos Annales e, conseqüentemente, pela História Cultural:

Os historiadores da educação só recentemente se têm vindo a ocupar da arqueologia material da escola, dando atenção aos silêncios da história do ensino e superando o esquecimento da intrahistória da escola e da especificidade própria das instituições educativas (MOGARRO, 2006, p. 79).

Nessa conjuntura é que este capítulo se propõe a apresentar um estudo analítico sobre um memorial escolar, buscando compreender o seu acervo e os indicativos para a compreensão da fundamentação filosófica da instituição, pontuando dados importantes para a História da Educação. Isso porque “O tratamento das informações, nas instituições patrimoniais, possibilita o acesso aos discursos diversificados” (NASCIMENTO, 2009, p. 17-18) e permite um aumento de possibilidades para a organização, preservação e busca por fontes com a diversidade de olhares que o processo histórico oferece.

## **Concepções históricas e filosóficas do Memorial Pe. Carlos**

Começou, no ano de 2017, o projeto de iniciação científica intitulado “O Memorial Pe. Carlos: uma análise filosófica e histórica de sua documentação”, com o objetivo de compreender filosófica e pedagogicamente a fundamentação teórica que motivou Carlos Henrique Neto na criação e no desenvolvimento da Escola Profissional Dom Bosco. O projeto contou com a participação do Programa de Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq) da Universidade do Estado de Minas Gerais, que financiou a iniciação científica da bolsista Maria Bertrili Telini Infante, aluna do curso de Pedagogia da UEMG Poços de Caldas/MG.

A vocação educacional de várias ordens religiosas está explícita ou implícita nos diversos registros da história da educação brasileira.

Assim, não foi diferente no caso do Memorial Padre Carlos da Escola Profissional Dom Bosco em Poços de Caldas, que, homenageado com o nome deste memorial, reservou, para o seu ministério, a área da educação. Como relatado nos trabalhos de Alvisi (2008) e Carvalho (2008), a Escola Profissional Dom Bosco – EPDB – tem suas raízes no trabalho de Pe. Carlos<sup>2</sup> e de Dona Maria<sup>3</sup> Aparecida pelo acolhimento educativo para meninos “carentes”, oferecendo-lhes, no primeiro momento, atividades que indicassem possibilidades para a qualificação para o trabalho.

Na cidade de atuação de Pe. Carlos, Poços de Caldas, se dá a formação da escola em um contexto particular. De acordo com Megale (2002), na década de 1940, os cassinos são extintos por legislação, o que acarreta, para a cidade, a perda de postos de trabalho e de consequente movimentação econômica. Sendo assim, se intensifica o trânsito de pessoas com as mais diversas carências econômicas e financeiras, entre elas, crianças que, como pedintes, vagavam pela cidade.

Partindo da premissa colocada por Dom Bosco, que indica uma “educação pelo trabalho” e não necessariamente “para o trabalho”, esse padre dá início ao legado salesiano na segunda metade da década de 1940, instaurando a escola formal que atenderia e atendeu, por décadas, uma parcela da população.

No movimento histórico dessa instituição, muito se observa de sua contribuição para o desenvolvimento de seu entorno. Todavia, outras perspectivas religiosas envolvidas no contexto, no decorrer da trajetória da instituição, e sobretudo após a morte de seu fundador, indicariam uma mudança nos direcionamentos da cultura escolar e, principalmente, do público atendido.

Assim, em conjunto com os educadores e a comunidade envolvida, foi iniciada a organização de todo o material histórico da instituição em parceria com o Centro de Memória da Unicamp – CMU –, para a preservação e manutenção de um processo histórico, bem como da cultura escolar e dos pressupostos nos quais a instituição se pautou para ser reconhecida no seu meio social:

Com o passar dos anos os funcionários da EDB arquivaram diferentes documentos, ao contrário do que tem ocorrido com muitas das escolas brasileiras, quando a falta de interesse, a escassez de locais adequados como também a inexistência de funcionários especializados, acabam atribuindo a conceituação de ‘papel velho’ aos documentos que registram a história da instituição e, com isso, muitas vezes, eles são inutilizados prematuramente (ALVISI, 2008, p. 210).

Esse processo passou por várias fases, desde a ideia primordial até as conversas sobre a elaboração de um projeto para a sua organização, o espaço físico, as pessoas envolvidas, sejam voluntários ou funcionários da própria escola, a qualificação desse pessoal para esse tipo de trabalho pelos técnicos do CMU e a concepção envolvida na criação de um centro que concentrasse todo o acervo, entre tantos outros aspectos. Destaca-se o de seleção das fontes, conforme relatado por Maria Aparecida Tavares, ex-aluna e ocupando o cargo de secretária geral da escola, quando entrevistada no ano de 2006:

Teve todo um processo de separação desse material encontrado, um material muito diversificado. Foi feita toda uma separação, depois foi subdividido em grupos e analisados em séries e sub-séries: documentos da escola; da Fundação de Assistência ao Menor; do Padre Carlos, da Dona Maria e um outro grupo também das doações que foram chegando. As doações de diferentes documentos ainda continuam. Durante

esse processo, nós fomos separando esses documentos como eu já disse e analisando-os. Foi muito interessante a gente ver a quantidade de coisas que o Padre, no decorrer da vida desde a infância até seus últimos dias, guardou e conservou. Então nós encontramos lembranças da escola, seus cadernos, santinhos... Documentos de cinquenta, sessenta ou mesmo de setenta anos atrás. Os documentos pessoais, os documentos da Igreja também constituem-se como uma parte muito rica: a parte de sua produção intelectual. Essa produção intelectual ele fazia quase que diariamente. Tudo ele guardava, onde encontrava um papel, um pedaço de papel fazia anotações e as guardava. Então encontramos desde agendas, livros, manuscritos até impressões, bilhetes que ele deixou em folhinhas, papéis de bala, de bombom. Interessante que ele aproveitava o verso. Ali, ele fazia uma anotação e tudo isso estava guardado. Então tudo que ele guardou é porque no nosso entender, ele queria que isso fosse preservado. Os estudos que ele fazia também. O Padre sempre foi uma pessoa que buscou novas tendências na educação. Tudo que ele encontrava de novidade em revistas, livros e jornais, recortava e fazia um arquivo pessoal com esses assuntos. Então ele tem arquivos dos mais variados temas, assim catalogados, em ordem alfabética, tudo organizado. Ele deixava para uma consulta, às vezes para um tema de alguma palestra, para algum estudo que ele fosse fazer, para ele tirar uma impressão, alguma coisa. Então é um arquivo assim muito interessante com os mais variados assuntos (TAVARES, 2006 apud ALVISI, 2008, p. 209).

O Memorial Pe. Carlos é reconhecido como referência nesse tipo de organização, consta no mapa cultural de museus escolares de Minas Gerais e possibilita a construção de conhecimento para a educação e História da Educação, permitindo pesquisas de mestrado, doutorado, trabalhos de graduação e escolares que versam sobre os mais diferentes temas. Ele possui seis setores: Casa Museu, Biblioteca com obras raras (laboratório de conservação e preservação de livros

manuscritos e impressos em suporte de papel), Arquivos Históricos (15.851), Documentação Fotográfica (37.688) e o acervo de História Oral com o arquivamento de entrevistas.

## **Historiadores da educação e o Memorial Pe. Carlos**

A atuação de pesquisadores da Unidade de Poços de Caldas da UEMG no Memorial Pe. Carlos, a partir de uma pesquisa histórica, deu-se com a coleta de dados conjuntamente com análises e entrecruzamentos de fontes, para compreender tanto a sua materialidade quanto a história da educação que ele preserva. Para isso, vários relatórios, cartas, ofícios, poemas e artigos em jornais foram pesquisados, registrando a essência e a temática neles contidas. Essas pesquisas foram feitas dentro da Escola Profissional Dom Bosco e em prédios diferentes, pois os acervos estão separados por várias partes, sendo que os livros do padre e obras raras da biblioteca se encontram num prédio à parte – separado também do Memorial – e a Biblioteca Central que os alunos frequentam está dentro do prédio escolar.

Uma pergunta pertinente a um pesquisador e historiador da educação caberia ser feita a partir do que representa a “biblioteca do padre”: como ele se constituiu leitor, escritor e fundamentou teoricamente a sua prática pedagógica?

Em 05 de maio de 1987, foi publicado, no Jornal Mantiqueira, o discurso pronunciado por D. Gerardo Reis<sup>4</sup>, bispo emérito de Leopoldina, intitulado “Solenidades do Jubileu Áureo do Mons. Carlos Henrique Neto”:



Um dia, lembro-me como se fosse hoje, eu e você, Mons. Carlos, velhos amigos de livros e ‘ratos’ de livraria, estávamos na livraria ‘A Vida Social’, do Dr. Hovelacque. Entretinhamo-nos vendo os livros, as novidades da época [...] (NETO, 1987, p. 7).

A partir desse depoimento, percebe-se a intimidade do religioso com os livros, o que se expressa no hábito que adquire em escrever diariamente, tornando-se um escritor assíduo sobre assuntos voltados para questões sociais, religiosas e educacionais. A “biblioteca do padre” revela diversas faces de sua intelectualidade: poesias, obras estrangeiras e brasileiras, livros específicos de áreas de conhecimento (sociologia, psicologia, filosofia etc.) e literatura religiosa e profana. Com isso, o padre se torna escritor e poeta, passando a publicar vários poemas e escritos na imprensa local, tendo o pseudônimo de “Oscar Lento”: “Entre 1955 e 1972 usava o pseudônimo Oscar Lento, na colaboração no Diário de Poços de Caldas; no antigo Jornal Diocesano de Guaxupé e na Folha de Poços” (ALVISI, 2008, p. 156).

Sobre os seus relatórios e escritos, lançou-se um olhar cuidadoso e perspicaz na tentativa de compreender o seu pensamento. Para Pe. Carlos, a história da educação se assemelha à própria história dos homens e a escola deve educar bem e para sempre: “[...] a história dos homens é a história da educação e só o responsável educa bem, pois uma escola unida educa para sempre, sendo o homem medido pela sua educação” (MEMORIAL PE. CARLOS, s. d., s. p.).

Nessa perspectiva, ao se referir a evolução da educação, várias são as análises do Pe. Carlos sobre o que a história indica para a escola, sendo que ela tem mostrado que a educação é “empregada conscientemente para preparar os homens para tipos de sociedade que ainda não existem” (Ibidem). Que tipos de sociedade seriam essas? Mais

humanas e solidárias? Com oportunidades justas para os operários e os seus filhos? O próprio Pe. Carlos apresenta uma escola que não consegue acompanhar a divisão entre as estruturas:

[...] de que a aceleração da evolução e das transformações estruturais tendo a acentuar a separação que normalmente existe entre as estruturas de um lado, e a super ou infra-estrutura por outro lado, o que mostra a facilidade com que os sistemas educacionais podem ficar defasados (MEMORIAL PE. CARLOS, s. d., s. p.).

Por meio dessa citação, podemos aferir que estaria o padre, ao escrever essas palavras (estrutura, infraestrutura e superestrutura), referindo-se a conceitos marxistas? Teria ele lido alguma obra de Karl Marx ou essas categorias estariam de acordo com a doutrina social da Igreja? No parecer de Carvalho (2008), há, por parte de Pe. Carlos, uma opção preferencial pelos pobres, mas não uma aceitação da doutrina social, pois, para a elite da época, era inconcebível um padre socialista, mas isso não impedia que o religioso estabelecesse reflexões sobre a situação social e política da época. Num programa de rádio em que falava semanalmente, ele expôs:

#### **Progresso e trabalho**

[...]

No mundo moderno há três períodos no desenvolvimento desse conceito: a Revolução Religiosa que substitui o ‘no princípio era o verbo’ para ‘no princípio era o Trabalhador’. A Revolução Industrial em que se dá a transição natural do operário para a máquina, do trabalhador para o trabalho, quando o trabalhador, que na civilização é uma pessoa, passa a ser uma utilidade, uma coisa, uma mercadoria que se regateia em um balcão; e, finalmente, a consequência necessária destas duas revoluções o advento do comunismo. Como sintetiza

**Mons. F. Xheen** Divorciado da finalidade de seu trabalho pela Revolução religiosa, divorciado de sua personalidade pela máquina, nada mais restava fazer senão deixar que o comunismo, como sempre, levasse o capitalismo ao extremo, completando assim a final degradação do homem (MEMORIAL PE. CARLOS, s. d., s. p., grifos nossos).

### **Dignidade e trabalho**

Enquanto o trabalhador viver para o Trabalho, enquanto o trabalhador não for livre, ele será o escravo acorrentado à argola do absolutismo, será o animal encabrestado e dirigido, contra a sua vontade, pelos detentores dos capitais, quer sejam vários como no Capitalismo, quer seja único – o Estado – como no Comunismo. [...]. O Comunismo não resolve o problema criado pelo Capitalismo de que o Trabalho é uma mercadoria, exacerba-o arrancando do operário a última tábua de salvação, dando-lhe a desesperança de um único padrão: sempre mau, sempre autoritário, presente em todos os lugares. Reabilitemos [sic] a dignidade do trabalho, mas não diminuamos a liberdade e dignidade do Trabalhador (Ibidem).

É importante ressaltar que, para além de afiliações teóricas, o conhecimento sobre as mais diversas correntes contribuiu para a formação e prática do religioso, e esses referenciais teóricos embasaram todo o seu discurso, a sua profissão de fé e a sua atuação como educador. Essas suas escolhas teóricas, refletidas muitas vezes em palavras e atos, foram frequentemente criticadas, conforme comentado por Alvisi<sup>5</sup> sobre a Escola Profissional Dom Bosco, sendo responsável e idealizadora da criação do memorial:

[...] Roberto Campos na obra ‘Lanterna na Popa’, no capítulo referente às suas memórias, traz considerações que podem traduzir a polêmica que acompanhou suas vidas em alguns momentos. Colega de Seminário de Padre Carlos e reconhecendo sua produção intelectual, como também a importância

da obra social que criara, esse autor interpela criticamente o Bispo da Diocese de Guaxupé sobre a não ascensão de Padre Carlos nos quadros da Igreja. O clérigo responde, argumentando com questões que a Igreja não poderia tolerar: sua proximidade com as propostas sociais comunistas, suas escolhas pessoais que muitas vezes traziam dúbias interpretações. [...]. Em outros termos, Padre Carlos, muitas vezes, foi severamente questionado pela elite, como simpatizante do comunismo, por ser crítico das desigualdades sociais existentes no país e, desse modo, sua fé e obediência à doutrina católica foram contestadas em alguns momentos pelos segmentos mais conservadores da Igreja (ALVISI, 2008, p. 147).

Assim, a investigação de um historiador da educação num memorial escolar implica em estabelecer cruzamentos e um olhar perspicaz sobre o que as fontes podem indicar. Nesse contexto, ao pesquisar na “biblioteca do padre”, encontrou-se apenas uma obra de Karl Marx, intitulada “La Religion y el Marxismo”, datada de 1936, publicada em espanhol por uma editora de Santiago, no Chile. Na página inicial do livro, escrito por Nicolas Berdiaff, há a assinatura do padre e o ano de 1945, demarcando a época em que o religioso adquiriu ou iniciou a sua leitura. No acervo de obras raras, apenas um livreto continha conteúdo marxista, sendo intitulado “O humanismo marxista. Problemas culturais e filosóficos”, escrito por Adam Shaff. O humanismo pode ser considerado um ponto comum entre esses dois filósofos marxistas, como também fundamentaram a sua teoria no existencialismo, sendo que Berdiaff recebe influências do cristianismo e Shaff do materialismo histórico marxista na compreensão do conhecimento humano sobre o contexto social.

Essas duas obras marxistas apontam uma certa influência na compreensão e análise estabelecida pelo padre sobre o capitalismo,

o marxismo e o operário, para dar-lhe respaldo a um modelo de educação que surge para socorrer os filhos de operários: o profissionalizante.

Uma outra obra relevante para essas análises, e que foi encontrada no acervo do padre, é a Doutrina Social da Igreja de 1963, organizada por Pimentel Júnior. Nela, há uma tradução da encíclica do Papa Leão XIII, a “*Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários”, escrita no ano de 1891. Para Pimentel Júnior (1963), essa encíclica se propôs a apresentar uma “cristianização do capitalismo” e há análises sobre o socialismo que se aproximam das reflexões feitas pelo Pe. Carlos sobre o comunismo:

[...]

3. Os Socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum indivíduo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municípios ou para o Estado. Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Pelo contrário, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social (LEÃO XIII, 1891, s. p.).

Humanização e cristianização se coadunam na leitura e nas práticas pedagógicas estabelecidas pelo Pe. Carlos nas ações com os alunos da Escola Dom Bosco, como também norteiam a sua concepção de ensino, aluno, docente e educação. As iniciativas tomadas

pelo religioso sobre as crianças que ficavam vagando pelas ruas da cidade de Poços de Caldas podem ser fundamentadas na encíclica *Rerum Novarum*:

[...]

2. Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma protecção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça dum concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários (LEÃO XIII, 1891, s. p.).

Carvalho (2008), ao analisar as concepções filosóficas que embasaram a ação em prol de “menores abandonados” que perambulavam pelas ruas de Poços de Caldas, aponta o humanismo e o cristianismo como fundamentais para as primeiras iniciativas propulsoras de acolhimento dessas crianças, citando Gentilini, que escreveu o livro “Escola Dom Bosco – 50 anos”, em que narra a sua trajetória educacional:

Gentilini (1996) indica que a filosofia da escola, para um olhar mais atento do historiador, não poderia estar restrita a uma

vertente Humanista-Cristã, relacionada a seu fundador e à sua principal apoiadora D. Maria Figueiredo que, apesar de não ter a ordenação, orientou a sua vida pelos princípios cristão-católicos. ‘Pode-se dizer que os fundamentos filosófico-educacionais que norteiam (a Escola) não se faziam explicitamente presentes desde as suas origens, mas foram se estruturando e ganhando sentido no desenvolvimento de sua ação social educativa’ (Idem, p. 11). Entendemos, no entanto, que a instituição se aproxima realmente da vertente Humanista – Cristã por toda a sua trajetória estudada por meio de seus documentos (CARVALHO, 2008, p. 136).

Gentilini defende que esse viés filosófico foi construído ao longo do tempo; o que é confirmado por Carvalho, que legitima a “vertente Humanista-Cristã” por meio dos estudos dos documentos. Mas, pelo entrecruzamento de várias fontes, procurou-se, nesta pesquisa de iniciação científica, levantar todas as hipóteses possíveis na compreensão do que teria influenciado e formado tanto cristãmente quanto socialmente a representação do Pe. Carlos sobre o seu entorno:

Vale ressaltar que o que é recente no processo histórico é a escola voltada para o trabalho, pois, a partir dessa institucionalização da educação, observamos mais detidamente que, para a classe proprietária, a educação coincidiu com a escola, enquanto a educação das demais classes ainda coincidia com o processo do trabalho. Portanto, a escola como a principal forma de educação na sociedade, também se passa por um processo historicamente determinado (CARVALHO, 2008, p. 31).

Torna-se complexo para um historiador construir e desconstruir essa determinação, principalmente quando ele encontra fontes que apontam uma autorreflexão do próprio sujeito construtor de práticas

pedagógicas, que, nesse caso, é o Padre Carlos. O seu depoimento foi coletado pela pesquisadora Alvisi, em sua pesquisa de doutorado:

O meu caminho intelectual, que eu vivi e que me impregnou, está no que eu falo. Se você examina as palavras que eu falo, junto com aquilo que eu faço, você vai ver que há uma sintonia. Há uma afeição constante. Que são aqueles que convivem comigo que o fazem e o mundo no qual eu trabalho. Hoje se tornou a minha vida, não uma repetição, mas uma atualização daquilo que eu fiz há cinquenta anos e o que eu faço hoje. É a mesma coisa! Só que hoje tem uma data escrita: 1999.

Eu não tive a pretensão de ser inovador. Mas sinto que muita coisa que nós fizemos na escola, inovou. E inovou de forma, hoje difícil de você localizar.

Cada um de nós é um criador sem programa previsto. Você quer fazer determinada coisa e achou que o caminho era aquele. Foi fazer e não deu certo! Por quê? Porque você fugiu da realidade na qual você está. A realidade onde eu vivo é que me faz 'habitar' daquele mundo morador, daquele ambiente vivenciador, daquela doutrina, que muitas vezes não está escrita, mas que você achou que aquilo ia dar certo. Então, cada um de nós é um criador. E essa criação nem sempre ela segue as minhas características físicas, intelectuais, morais, sociais e políticas. Muitas vezes são inovações, não que eu queira inovar, mas pelo meu trabalho, pela minha preocupação entrar em contato com a realidade, eu inovei. E pegou!

Hoje eu tenho um problema muito sério quando eu quero recompor a história da Escola Dom Bosco. Em primeiro lugar, porque já o ambiente não é o mesmo. Eu mesmo tenho modificações no meu comportamento intelectual que, às vezes, eu me desconheço. Penso se alguém me conheceu há dez anos não me reconhece hoje. E essa mudança é que significa a atualização (ALVISI, 2008, p. 48-49).



Pe. Carlos, no ano de 1999, encontrava-se com 85 anos de idade, e, nessa época, já havia passado mais de cinquenta anos de fundação da Escola Profissional Dom Bosco. Ele, ao se referir à sua trajetória, não cita nenhum referencial teórico, nem mesmo a Bíblia e os ensinamentos cristãos como fundamento para as suas ações, mas mostra que tudo o que ele aprendeu, estudou e escreveu se transformou em suas práticas e palavras, indicando, assim, uma coerência entre o agir e o falar. Para ele, o passado serviu naquele exato momento como uma contextualização necessária para aquela época, e o agora exige um novo entendimento, inserido na compreensão da realidade. Nesse contexto é que ele, dando sequência à sua fala, expõe que possui várias reflexões e que estava com um livro organizado a ser publicado:

Eu tenho páginas e páginas de reflexões: esse é o livro que eu publicarei. Vai se chamar 'O meu livro dos outros'. E ele tem tanta variedade que vai ter um subtítulo: 'Gaveta de sapateiro'. Porque gaveta de sapateiro tem de tudo (ALVISI, 2008, p. 49).

Na lista de livros publicados pelo padre, há indicações de que ele não omitiu os referenciais teóricos que o influenciaram em sua trajetória intelectual:

Em agosto de 1987, lançou **'Booz – ceifa, safra, sobra'** um livro de crônicas e poesias. Em 07 de abril de 2000, lançou o livro **'O Meu Livro dos Outros – No limiar do novo milênio'**, uma coletânea de pensamentos e curiosidades de outros autores, acumulada no decorrer de vários anos. Em 27 de outubro de 2002, foi lançado, *'in memoriam'*, o livro de crônicas intitulado **'O Meu livro Para os Outros'** (ALVISI, 2008, p. 156, grifos da autora).

As temáticas trabalhadas por Pe. Carlos circulam entre dois olhares para a realidade: um religioso e um outro voltado para áreas que podem ser caracterizadas por existencialistas, e até mesmo, fenomenológicas. Uma escrita poética perpassa vários escritos, indicando a sensibilidade do religioso ao contemplar vários aspectos culturais da realidade.

Há vários autores leigos e religiosos, educadores e filósofos citados por Pe. Carlos nessas obras, indicativo de como eles influenciaram a sua visão de mundo, de religião e contribuíram em sua constituição como intelectual.

Alvizi, ao se referir a “uma coletânea de pensamentos e curiosidades de outros autores, acumulada no decorrer de vários anos”, indica que Pe. Carlos se recordou, nesse livro, de autores que foram importantes e podem ter influenciado a sua maneira de conduzir a escola e de se relacionar com a comunidade escolar. Nesse contexto é que outras obras foram encontradas no acervo pessoal do padre, que possuem uma conexão entre si, principalmente em análises críticas sobre a realidade social e educacional. Esses autores eram: Ivan Illich<sup>6</sup>, Jacques Maritain<sup>7</sup>, Léon Bloy<sup>8</sup>, Ernest Dimnet<sup>9</sup>, Gustave Thibon<sup>10</sup> e Fulton J. Sheen.<sup>11</sup>

Há, também, na obra desses autores, escritos fundamentados numa filosofia humanista cristã, sendo que todos eles eram ou se tornaram católicos convictos, mesmo que alguns deles tivessem discurso e práticas controversas, como Léon Bloy. Quase todos esses livros estão em francês, alguns em espanhol e neles há, além da assinatura do padre, a data e rabiscos de trechos, provavelmente feitos quando lidos.

A partir de uma entrevista com Olga Monteiro, Yeda Tarquínio Bertozzi e Maria Modestina Navarro Reis, ex-funcionárias da Escola

Profissional Dom Bosco e que atuam como voluntárias no Memorial Pe. Carlos, tomou-se conhecimento de que esses autores eram referenciais importantes para todo leitor da década de 40 do século XX e que esses livros eram comprados na livraria “A Vida Social”, do Dr. Hovelacque.

Assim, a Escola Profissional Dom Bosco, como instituição de educação formal com seu viés filosófico humanista cristão, na perspectiva de seu fundador, se estabelece como importante instituição educativa para a cidade e região. Ainda, como polo de um olhar educativo que toma, como premissa, a relação próxima de educação pelo trabalho, direcionada a uma parcela da população que, de outra forma, não teria acesso a um processo educativo minimamente adequado à formação para o mundo do trabalho ou mesmo para outros níveis educacionais.

## **Por uma educação humanizadora**

Vários são os escritos de Pe. Carlos sobre a educação, estabelecendo críticas sobre o contexto educacional de várias épocas, principalmente a partir do que ele vivenciou como diretor da Escola Profissional Dom Bosco. As diversas reformas educacionais exigiram, num certo período, que ele fizesse o curso de Pedagogia para habilitá-lo a ser diretor da escola, o que o fez se matricular e voltar aos bancos da escola.

A maioria de seus textos, datilografados, não está datada, motivo pelo qual se optou em apresentar uma análise geral e fazer as citações de acordo com a organização do Memorial Pe. Carlos. A intenção aqui é apresentar como a sua filosofia humanística cristã esteve presente na sua concepção de educação.

No texto cujo tema era “Dificuldades da Escola Dom Bosco com a Introdução das Leis de Diretrizes e Bases da Educação”, Pe. Carlos analisa como a situação econômica do país afetou a escola, que tem como objetivo “formar e informar uma população marginalizada, desprovida de meios à sua subsistência. [...]” (MEMORIAL PE. CARLOS, s. d., s. p.). O documento, escrito pelo Padre Carlos, indica ser da década de 80, século XX, pois ele escreve sobre um debate nacional sobre a necessidade de uma nova LDB.

Em sua perspectiva, com insucesso do comunismo, houve o avanço do capitalismo, o que contribuiu com o desemprego e o aumento da pobreza: “Como é natural agravou-se o estado econômico financeiro, aumentou as despesas e rarearam as contribuições” (Ibidem). O padre é bem pessimista em relação à manutenção da escola dos filhos dos “operários de baixa renda ou não qualificados, demitidos pela recessão ou mantidos meros peões periféricos” (Ibidem). As escolas profissionais são afetadas pela falta de apoio do governo, e o pobre tem que optar por pagar uma mensalidade (que se altera com o tempo) ou tirar o seu filho e matriculá-lo nas escolas públicas comuns, pois há uma crise financeira da escola. Não há ajuda do governo, os pais não conseguem pagar uma mensalidade que cubra as despesas; por isso, há um déficit financeiro: “A escola não é uma empresa lucrativa ou um comércio escolar financeiro, mas uma entidade de serviço social [...]” (Ibidem).

A finalidade e a filosofia existencial da Escola Profissional Dom Bosco é apresentada pelo padre por ser uma escola filantrópica e diferenciada, sem os problemas de uma escola pública e com a qualidade de uma escola particular. Como solução para essa crise educacional, ele indica a necessidade de introdução de normas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que contemplem e procurem resolver essas questões.

Sobre os “Princípios da Educação Nacional”, o sacerdote entende que, além da lei, a educação nacional “se inspira aos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade” (Ibidem). Na sua compreensão, aquela possui características que compreendem os direitos e deveres da pessoa humana, respeitando a dignidade e a liberdade do homem. No seu parecer, a educação nacional também se inspira “no desenvolvimento integral da personalidade, no preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos” (Ibidem). Para o Pe. Carlos, quem fundamenta a sua filosofia educacional “[...] nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade [...]” (Ibidem), não ignora e não diminui a pessoa, não tratando-a como coisa, mas pelo contrário, respeitando-a como uma pessoa fatora de sua vida, construtora de sua história.

Padre Carlos apresenta várias reflexões sobre o educador. Em seu entendimento, aquele que pune sem dar educação em valor educativo estabelece um mal para sua própria saúde. Para ele também, o fracasso dos alunos, para um bom educador, retrata uma falha da sua pedagogia docente. O mestre se assemelha a uma mãe que tem a missão de dar física e espiritualmente a vida a um filho, sendo desumano aquele que não age como tal. Ele também entende que, assim como o sal, o educador foi formado para se oferecer e para salvar, sendo um mau educador aquele que não considera a originalidade de uma criança, mas a vê como um adulto em miniatura.

O educador se realiza ao colaborar com o aluno e não agindo com tirania, por isso, para o Padre Carlos: “O educador não desafia, não compete, mas coopera para que haja harmonia e unidade em seu grupo; educa bem quem muito ama” (Ibidem). No entendimento do padre, educar é se unir à humanidade por meio do educando, que repete o que o mestre faz, pois ele é o modelo, sendo que ser mestre é não conhecer os limites da sua generosidade, unificando a variedade.

Educar não é uma arte, é uma missão, é dar-se, sendo que o coração do mestre deve estar cheio de amor e fé no homem; por isso Jesus é o modelo dos mestres.

Fica evidente, por seus escritos, que a sua concepção de formação humana perpassa fundamentos filosóficos cristãos, mas não de uma filosofia desencarnada da realidade, pois ele nunca apresenta um cenário distante do que se pretende ter. Às vezes, ele se aproxima de um certo pessimismo, não acreditando muito no poder da educação, apresentando várias situações que comprometem o papel do docente e do discente como sujeitos ativos e transformadores da realidade. Mas, com esperança, ele também aponta caminhos:

[...] Não há, pois, receita para esse trabalho, mas uma dedicação permanente que irá descobrir caminhos e processos de entendimento e soma de esforços.

Esse ideal, porém, só será atingido quando melhor formados, pais e mestres, voltarem-se com disponibilidade, inteligência e perseverança à tarefa educativa.

Aliás, o ideal seria que toda a comunidade participasse desse esforço de educar. Fácil é ver-se que só depois da integração escola/família, será possível o trinômio: escola/família/comunidade (MEMORIAL PE. CARLOS, 1981, p. 44).

Pe. Carlos acredita no encantamento pela educação, que só pode acontecer num trabalho em conjunto; suas práticas pedagógicas foram norteadas por princípios que contagiaram várias gerações, com apoio da comunidade e dos familiares.

Várias fontes do Memorial Pe. Carlos ainda poderiam ser analisadas; tantos outros documentos desse acervo já foram trabalhados por outros pesquisadores; como também as mesmas fontes serviram

para dar uma outra interpretação a uma hipótese que se pretendeu defender. Esse é o árduo trabalho do historiador da educação, e os apontamentos aqui apresentados serviram para demonstrar um pouco como é a relação entre um memorial escolar e a História da Educação.

## Conclusão

Por meio de uma pesquisa num memorial escolar, muito pode ser descoberto sobre a História da Educação. Faz-se necessário reconstruir e compreender não somente o passado local, mas, a partir de múltiplas fontes e com focos diversificados, entender a História da Educação no nível regional, estadual e nacional. O Memorial Pe. Carlos pode ser tomado com essa amplitude e, mais ainda, numa completude que abarca o museu, a biblioteca e o arquivo.

É fundamental que um historiador da educação se aprofunde e tenha diversos olhares e variadas inquietações sobre um memorial escolar. De uma busca contínua e de um entrecruzamento perspicaz dependerá o resultado final, que é montar peça por peça de uma história que ainda está por ser construída, interpretada e escrita.

A História da Educação se vivifica ao interrogar o passado, principalmente quando este se encontra escondido nas entrelinhas, nas fontes coletadas que não explicitam o lógico, mas que exigem uma decodificação do que realmente demonstram e indicam.

Abre-se, por meio desse trabalho, uma perspectiva futura para outras pesquisas, tais como a história dos intelectuais nas escolas privadas e públicas na segunda metade do século XX. Indica-se, também, uma análise mais aprofundada de categorias existencialistas

e fenomenológicas presentes nos escritos de Pe. Carlos, para uma possível relação com a História da Educação mineira.

O trabalho, fruto de uma pesquisa de iniciação científica, realizado com a participação de professores e alunos do curso de Pedagogia da UEMG (Unidade de Poços de Caldas), priorizou a pesquisa histórica e buscou, por meio de vários estudos, contribuir para a construção do conhecimento em História da Educação.



## Referências

- ALVISI, Lílian de Cássia. **Memórias de Vivências Escolares em Poços de Caldas/MG**: Escola Profissional Dom Bosco (1946-1960). Dissertação de mestrado – Faculdade de Educação Unicamp. Campinas, 2001.
- ALVISI, Lílian de Cássia. **Memória, Resistência e Empoderamento**: a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, 2008. 329 p.
- CARVALHO, Jussara Gallindo Mariano de. **História, trabalho e educação profissional no Brasil** (EPDB – Poços de Caldas – MG). Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2008. 171 p.
- CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. (Org.). **Pesquisa, Educação e Formação Humana nos trilhos da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GENTILINI, João Augusto. **Escola Dom Bosco – 50 anos**. Poços de Caldas: Gráfica Dom Bosco, 1997.
- LEÃO XIII. **Rerum Novarum**: sobre a condição dos operários. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html). Acesso em: 11 jul. 2020.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias históricas de Poços de Caldas**. Poços de Caldas MG: Sul Minas. 2ª ed. ver. e ampliada. 2002.
- MEMORIAL PE. CARLOS. **Arquivos Históricos – Documentos textuais**. Grupo Padre Carlos – Série Produção Intelectual.
- MEMORIAL PE. CARLOS. Considerações sobre Sistema de Ensino. **Arquivos Históricos – Documentos textuais**. Grupo Fundação – Série Escola. Regimentos, 1981, p. 44.
- NASCIMENTO, Maria Isabel Moura *et al.* (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.
- NETO, Carlos Henrique. Solenidades do Jubileu Áureo do Mons. **Jornal da Mantiqueira**, Poços de Caldas, 05 maio 1987, p. 7.
- PIMENTEL JÚNIOR (org.). **A doutrina social da Igreja**. São Paulo: Dominus, 1963.
- PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

## Leitura recomendada

- DANZA, Norberto Donaldo. **Na rua da minha casa**. Poços de Caldas: Sulminas Gráfica e Editora, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. Enciclopédia Einaud. Porto: Artes Gráficas, 1985. p. 95-106.

LOURENÇO, Érika. GUEDES, Maria do Carmo. CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Patrimônio Cultural, museus, psicologia e educação: diálogos**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2009.

NETO, Carlos Henrique. **O meu livro dos outros**. No limiar do novo milênio. Poços de Caldas: Editora Candeira, s. d.

NETO, Carlos Henrique. **O meu livro para os outros**. Crônicas. Poços de Caldas: Gráfica D. Bosco, 2002.

## Notas de fim

- 1 Possui graduação em Filosofia com habilitação em História pelo Centro Universitário de Lavras – Unilavras; graduação em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas – SFNSC; especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea no Brasil pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Está desenvolvendo pesquisa de pós-doutoramento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da Professora Cynthia Greive Veiga. Vem desenvolvendo pesquisas nas seguintes áreas: Instituições Escolares, Filosofia e Práticas Pedagógicas; História da Educação Brasileira (séculos XIX e XX); Cultura Escolar; Educação; Educação, gênero e formação de professores; Aprendizagem, pensamento filosófico e atuação dos Intelectuais da Educação. Realizou o doutorado-sanduíche com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Universidade Loyola de Chicago USA, sob a co-orientação do Professor Dr. Noah Sob. É membro fundador do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas de História e Educação (GIEPHE) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Núcleo de Pesquisas da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Unidade Poços de Caldas. É pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).
- 2 Carlos Henrique Neto nasceu na cidade de Poços de Caldas, região sul do Estado de Minas Gerais, no ano de 1914. Seu pai era sapateiro e a sua mãe era dona de casa. Em 1926, com 12 anos de idade, entrou para o Seminário de Guaxupé, a fim de se tornar sacerdote. Estudando em Belo Horizonte, concluiu os estudos, sendo ordenado padre no dia 1º de maio de 1937. No ano de 1941, ele foi transferido para Poços de Caldas para atuar como capelão tanto do Asilo quanto da Santa Casa de Misericórdia (Cf. ALVISI, 2008, p. 148-152).
- 3 Maria Aparecida Figueiredo, poços-caldense, nasceu aos 15 de fevereiro de 1918 e era filha de Jovino e Ottorina Figueiredo, que faleceram quando ela ainda era bem jovem. Ela se formou em Curso Normal e, desde a infância, era amiga de Carlos, pois havia uma proximidade entre as duas famílias (Cf. ALVISI, 2008, p. 152).
- 4 D. Gerardo Reis foi colega de seminário e cursou Filosofia e Teologia junto com o Pe. Carlos: “Antigo colega de estudos no pobre e saudoso seminário ‘Nossa Senhora Auxiliadora’ de Guaxupé, colega no seminário ‘Coração Eucarístico’ de Belo Horizonte, companheiro de capelania, nos primeiros anos de sacerdócio, aqui em Poços de Caldas e membro de um ótimo clero tão unido e tão irmão, como era o clero de Guaxupé, não forma poucos os momentos de convívio, que foram contínuos” (JORNAL DA MANTIQUEIRA, 1987, p. 7).
- 5 Lílian de Cássia Alvisi, natural de Poços de Caldas, passou a atuar no Memorial Pe. Carlos como pesquisadora e aluna de mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp. A partir daí, iniciou-se um trabalho de organização e criação do memorial. Suas pesquisas de mestrado

(2001) e doutorado (2008) utilizaram-se das fontes do memorial e tiveram como objeto de estudo a Escola Profissionalizante Dom Bosco, intituladas “Memórias de Vivências Escolares em Poços de Caldas/MG: Escola Profissional Dom Bosco (1946-1960)” e “Memória, Resistência e Empoderamento: a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG”. A dissertação de mestrado de Jussara Gallindo Mariano de Carvalho, intitulada “História, trabalho e educação profissional no Brasil (EPDB – Poços de Caldas – MG)”, também defendida na Universidade Estadual de Campinas (2008), teve como objeto de pesquisa as fontes do Memorial Pe. Carlos.

- 6 “Ivan Illich nasceu em Viena no ano de 1926 e faleceu em Bremen, na Alemanha, em dezembro de 2002. Filho de pai jugoslavo e mãe com ascendência judia, teve de abandonar a Áustria quando tinha cinco anos. A família mudou-se para Roma, onde Illich completou os seus estudos: física (Florença), filosofia e teologia (Roma) e doutoramento em História (Salzburgo). [...] Foi também em Roma que Illich entrou para o seminário (1951), onde teve como colegas muitos dos futuros diplomatas do Vaticano e onde se ordenou sacerdote. O Cardeal Spellman, arcebispo de Nova Iorque, convidou-o para seu auxiliar. Por ser fluente em dez línguas, Illich tornou-se intérprete do Cardeal e teve como função preparar sacerdotes e religiosas para a comunidade hispano-americana. Nos anos 60 mudou-se para o México, onde criou o Centro Intercultural de Formação (CIF), com o objetivo de sensibilizar missionários para trabalhar na América Latina. Na década de 70 foi cofundador do Centro de Informação e Documentação (CIDOC), espécie de universidade aberta, especialmente voltada para os problemas da educação e independência cultural do Terceiro Mundo, sobretudo da América Latina.” *In*: <http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/images/hfe/illich/index.htm>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- 7 “Filósofo francês, nascido em Paris, a 18 de novembro de 1882, Jacques Maritain tem por avô um conhecido advogado, acadêmico, ministro e homem político, Jules Favres (1809-1880): família culta, mas sem religião. Estudante na Sorbonne (licença de filosofia, 1900-1901), deixa-se atrair por Spinoza, antes de bifurcar para uma licença em ciências naturais. O noivado com Raissa Oumançoff, sua companheira de estudos na Sorbonne, data de 1902. Os dois casam-se em 26 de novembro de 1904, ano da recepção de Jacques no concurso da agregação de filosofia. Convertido em 1906. Primeiro seguiu Bergson, e acabou propugnando um tomismo adaptado a nossa época que restaure a metafísica cristã, diante do racionalismo antropocêntrico e do irracionalismo panteísta em que se debate o idealismo moderno. No ano de 1912, Jacques e Raissa são recebidos como oblatos leigos da ordem beneditina. Professor na França (1914), Canadá (1940) e EUA (1949). Embaixador no Vaticano (1945-1948). De sua obra vastíssima, citamos: Arte e Escolástica (1920); Humanismo integral (1936); Os graus do saber (1932); O camponês do Garona (1966), Pessoa e Bem Comum (1947); Reflexões sobre a Inteligência e sobre sua Vida Própria (1924). Após a morte de Raissa em 04 de novembro de 1960, J. Maritain retira-se para Toulouse, com a Fraternidade dos Irmãosinhos de Foucauld, onde faz seu noviciado aos 88 anos. Morre em 28 de abril de 1973. Tinha 90 anos e morreu como quis, em um contexto de oração, de silêncio, de contemplação.” *In*: <http://maritain.org.br/biografia/>. Acesso em: 27 mar. 2018.

- 8 “Léon Bloy nasceu em Périgueux, sudoeste da França, em julho de 1846. Já na adolescência revelou grande talento artístico; escreveu uma tragédia chamada *Lucrécia*. Seu pai proibiu-o de escrever e enviou-o a Paris, para trabalhar num escritório de arquitetura. Em 1869, bastante influenciado pelo escritor Jules Barbey d’Aureville, se converteu ao catolicismo. Ele, a mulher e os filhos viveram constantemente na miséria – seus livros vendiam pouco e a imprensa não lhe dava espaço. Aos poucos, foi sendo reconhecido por outros artistas e intelectuais da época, como os escritores Ernest Hello e Georges Bernanos. Sua obra compreende mais de quarenta volumes; destacam-se *O desesperado*, *A salvação pelos judeus*, *A mulher pobre*, *Exegese dos lugares-comuns* e *As últimas colunas da Igreja*, além da série de diários escritos de 1892 a 1917, ano de sua morte”. Disponível em: [https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author\\_id=1495](https://ecclesiae.com.br/index.php?route=product/author&author_id=1495). Acesso em: 27 mar. 2018.
- 9 “Ernest Dimnet foi um padre, escritor e teólogo francês. Mudou-se para os Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial. Autor do livro *A Arte de Pensar*, um livro muito popular durante os anos 30 e que esteve na lista dos maiores best sellers da época [...]”. In: <https://kdfrases.com/autor/ernest-dimnet>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- 10 “Gustave Thibon nasceu em 1903, em **Saint-Marcel d’Ardèche** (interior da França), de uma família de camponeses. A íntima comunhão com os ritmos da natureza e a familiaridade com o silêncio acumulam nele aquelas profundas, vastas, reservas interiores que verterá em suas obras. Em 1916, depois de frequentar a escola municipal, se vê forçado a abandonar os estudos para dedicar-se ao trabalho no campo. Alheio a preocupações religiosas, transcorre uma adolescência agnóstica. Aos dezoito anos, no entanto, é assaltado por uma veemente paixão pelo conhecimento. Com ímpeto febril se atira ao estudo das línguas, aprende sozinho o latim, o grego e o alemão. Enfrenta textos de filosofia e teologia; arrisca-se também em matemática e biologia.
- Thibon se reconcilia com a Fé Católica da infância através da leitura de **Léon Bloy** (1846-1917) e do encontro com **Jacques Maritain** (1882-1973), a quem deve a descoberta da obra de Santo Tomás de Aquino. Maritain o encoraja a escrever, e a sua amizade (encerrada devido a diferenças de opinião sobre **Charles Maurras** e a *Action Française*), lhe permitirá publicar os primeiros artigos na *Revue Thomiste*. Quando de sua morte, que o colhe em 2001, Gustave Thibon deixa ao mundo – além de três filhos, os netos e uma memória indelével no coração de quem o conheceu – uma vintena de obras, inumeráveis artigos e textos de conferências; sem contar a considerável quantidade de escritos que não foram publicados”. In: <http://farfalline.blogspot.com.br/2011/09/quem-e-gustave-thibon-uma-biografia.html>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- 11 [...] Arcebispo de Rochester (Nova York), Fulton J. Sheen (1895-1979). Famoso pelos seus programas de TV nos anos 50 e começo dos 60 (*Life is Worth Living* e *The Fulton Sheen Program*), Sheen foi também autor de 96 livros, quase todos apologeticos, além de artigos e colunas em jornais. In: <http://duasasas.blogspot.com.br/2010/04/fulton-j-sheen-e-o-problema-da.html>. Acesso em: 27 mar. 2018.